

TÚMULOS PRÉ-HISTÓRICOS *Profª Niède Guidon* EM POÇO COM CÂMARA, NO AMAPÁ

Edinaldo Pinheiro Nunes Filho

O Amapá é o único Estado Brasileiro que tem apresentado até agora registro arqueológico da utilização de poços com câmara lateral para sepultamentos indígenas com o emprego de urnas cerâmicas como mobiliário fúnebre.

Assim, estudamos os poços fúnebres descobertos no Amapá, em épocas e lugares diferentes, no intuito de caracterizar essa forma de enterramento como própria de grupos étnicos específicos.

Os túmulos estudados, seguindo a seqüência cronológica dos achados foram: Monte Curú I e II - Igarapé do Holanda - Cunani, 1895; São Francisco - Rio Novo - Cunani, 1994; Retiro do Bidú - Rio Cupixi, 1997.

Apesar do registro e da existência significativa de artefatos cerâmicos e líticos encontrados nos túmulos de poço com câmara do Amapá, guardados nas reservas dos museus do Estado do Pará (Emílio Goeldi) e Amapá (Joaquim Caetano da Silva), ainda não existem trabalhos científicos significativos sobre o estudo dessa forma de sepultamento pré-histórico, no Brasil.

Na Colômbia e no Equador existe um grande número de registros arqueológicos sobre sepultamentos em túmulo subterrâneo com fossa e câmara, com produção bibliográfica mais expressiva.



MAPA 01 - LOCALIZAÇÃO DOS TÚMULOS DE POÇOS FUNERÁRIOS

Os Túmulos em Poço com Câmara do Amapá ¹

O termo poço que utilizamos para designar os túmulos arqueológicos pré-históricos do Amapá é empregado no sentido de perfuração que se faz no solo com o propósito de guardar ou proteger algo.

Os pesquisadores da pré-história que trabalham nos países latino-americanos (Meggers, 1966; Reichel-Dolmatoff, 1997; Uribe e Dávila, 1984; López e Garcia, 2000) utilizam o termo tumba com mais frequência que o termo poço, onde tumba significa sepultura, ou seja, lugar onde se sepultam os mortos.

O primeiro a utilizar o termo poço, como recinto funerário, foi Henri A. Coudreau (1886), quando fez referência ao achado de um poço funerário na localidade de Cunani no Amapá, por conta da construção de uma nova igreja: “... Je trouvai, dans un puit funéraire situé au milieu du tertre sur le quel se construit la nouvelle église, sept urnes cinéraires en parfait état de conservation”.

O segundo a utilizar o termo poço, como recinto funerário, foi o zoólogo suíço Emílio Augusto Goeldi (19) (1905), onde em seu relatório “*Excavações Archeológicas em 1895: As cavernas funerarias artificiais de Índios hoje extintos no Rio Cunany (Goanany) e sua cerâmica*”, ele utiliza poço como sinônimo da palavra caverna artificial. Goeldi utiliza várias vezes o termo poço em seu relatório: “*Removido a muito custo este disco, nos deixava ver um poço com cerca de 2 1/2 m de profundidade e, ... Descendo ao poço, vi do lado de...*” (Goeldi, 1905).

No Amapá foram localizados até o momento seis registros da existência de túmulos pré-históricos em poços com câmara - Vila Cunani (1883), Monte Curú I e II (1895), Pacoval (1985), São Francisco (1994) e Retiro do Bidú (1997) - nos quais foram encontradas urnas funerárias e vasilhames de cerâmica, representando o mundo social, simbólico e religioso dos grupos pré-históricos que habitaram diferentes partes da área amapaense (Mapa nº 02).

No momento, a Colômbia é o país onde temos o maior número de registros arqueológicos de túmulos em poço com câmara da América do Sul, com as mesmas características físicas e ritualísticas dos túmulos descobertos no Estado do Amapá (Figura nº01) e ainda com muitas semelhanças

morfológicas entre as urnas funerárias (Reichel-Dolmatoff, 1997; Uribe & Dávila, 1984; López & García, 2000).



Mapa n°02: Localização dos Poços Funerários no Estado do Amapá

Autoria – Adaptada por Adriana Lavoura a partir de Mapa do Estado do Amapá In: Brasil, Atlas. Almanaque, 2001.

Figura n°01: Tumba de Câmara Lateral, Tamalameque, baixo rio Magdalena (Colômbia).

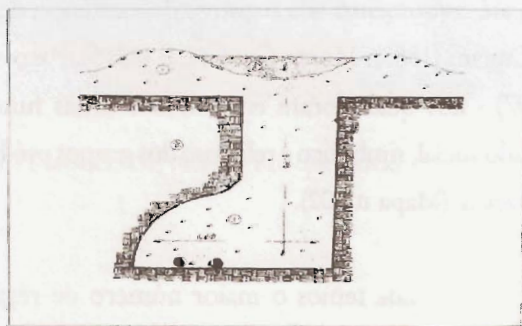
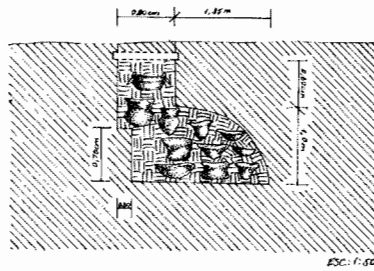


Figura 54. Corte transversal de uma tumba de câmara lateral, Tamalameque, baixo rio Magdalena, Sabana de San Luis.

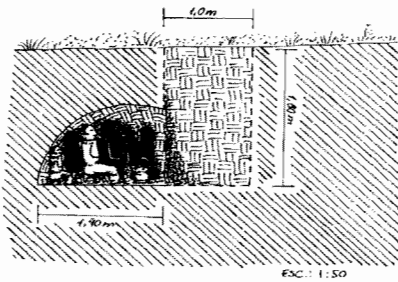
Fonte - Reichel-Dolmatoff, 1997.

Figura nº 02: Poços Funerários Amapaenses

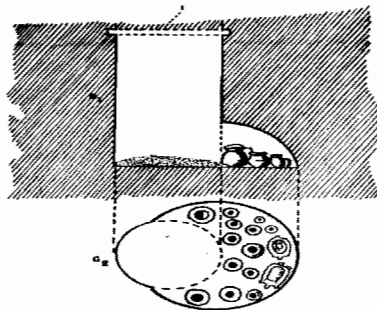
a) Sítio S. Francisco



b) Sítio Retiro do Bidú



c) Sítio Monte Curú



Sítio Arqueológico AP-CA-11: Vila Cunani - rio Cunani - Município de Calçoene

Sítio habitação da fase Aristé, localizado no centro da cidade de Cunani, visitado e prospectado pelo Sr. Newton Cardoso, em 1949, o qual realizou um pequeno corte-experimental e coletou algumas peças de cerâmica (Simões e Araujo-Costa, 1978:65), Neste mesmo local em 1883, Henri Coudreau (Coudreau, 1886) descobriu um poço funerário, sendo considerado o primeiro poço funerário achado no Amapá (Pascual Gaborit, 2000). Este achado é registrado por Coudreau, em sua obra "*La France Equinoxiale*", no capítulo "*Excursion a Counani*" ele relata que achou um poço funerário na comunidade de Cunani, quando se construía a nova igreja da comunidade. Dentro do poço foram encontradas sete urnas cinerárias em perfeito estado de conservação.

È importante ressaltar que não encontramos nenhum registro gráfico do achado feito por Coudreau na comunidade de Cunani, em 1883.

Sítio Arqueológico AP-CA-10: Monte Curú ou Renovado - Igarapé do Holanda - Município de Calçoene

O sítio arqueológico do Monte Curú ou Renovado foi descoberto pelo Goeldi e o Tenente-Coronel Aureliano Pinto de Lima Guedes (1848-1912), entre os meses de outubro e novembro de 1895, na época do achado eles realizavam uma expedição científica - região do Amapá, então conhecida como Guiana Brasileira. A expedição estava a serviço do então Museu Paraense de História Natural e Etnografia, hoje Museu Paraense Emílio Goeldi (Figura nº02 c).

O objetivo da expedição era realizar um levantamento científico na região que naquela época continuava alvo de uma disputa territorial entre o Brasil e a França (Barreto, 1992).

O achado do sítio arqueológico do Monte Curú rendeu muito para a expedição, pois foram achados dois túmulos subterrâneos, isto é, dois poços com câmara. Foram retiradas dos poços dezoito peças de cerâmica, em perfeito estado de conservação, além de fragmentos de cerâmica, uma asa zoomorfa.

Betty Meggers e Clifford Evans (1957: 103-167 *apud* Coirolo, 1997) identificaram as peças funerárias de Cunani como sendo da Fase Aristé, depois de realizarem uma pesquisa arqueológica trabalhando na costa do Amapá e nas Ilhas do arquipélago de Marajó, em 1949. Concluíram também que a coleção Cunani pertence à Tradição Policroma de grande dispersão na Bacia Amazônica.

Sítio Arqueológico AP-MA-03: Pacoval - Município de Macapá

O sítio arqueológico do Pacoval foi descoberto no mês de dezembro de 1985, no bairro do Pacoval, município de Macapá, durante a escavação dos alicerces da casa do prefeito municipal Sr. Jonas Pinheiro Borges. Na época o resgate foi coordenado por arqueólogos do museu paraense Emílio Goeldi.

O trabalho arqueológico foi concluído em fevereiro de 1986, ficando sob a guarda do Museu Amapaense Joaquim Caetano da Silva todo o acervo resgatado (Pereira et al. 1986).

O resultando dessa descoberta foi à coleta de um grande número de vasilhas cerâmicas funerárias, utilitárias e artefatos líticos.

Segundo o relatório de Pereira; Kern e Veríssimo (1986), no sítio do Pacoval teria sido encontrado durante a construção das fundações da casa, um poço funerário de 1,5 x 1,5m, com duas urnas antropomorfas acompanhadas de dois vasos. Contudo, não foi localizado pelos pesquisadores do museu Goeldi nenhum vestígio da existência desse poço. Todavia, ficaram as peças antropomorfas como testemunho desse sepultamento subterrâneo (Figura nº07).

Durante as conclusões de Pereira; Kern e Veríssimo (1986), são feitas comparações das urnas antropomorfas do possível poço do sítio arqueológico do Pacoval, com urnas funerárias das fases Mazagão e Aristé. Chegando-se à conclusão de que existe correspondência morfológica, decorativa e tecnológica dessas urnas com as duas fases citadas.

Foram feitas coletas de carvão para datação por C-14. Entretanto, nunca esse material foi enviado para nenhum laboratório especializado, ficando até o presente momento guardado no museu Joaquim Caetano da Silva.

Sítio Arqueológico AP-CA-13: São Francisco - Rio Novo - Município de Calçoene

O sítio arqueológico São Francisco foi encontrado em 1994, por um agricultor. O sítio está localizado na margem direita do rio Novo afluente do rio Cunani, a 33 km do município de Calçoene. O descobrimento desse túmulo subterrâneo foi casual (Figura nº02 a).

Esta descoberta arqueológica foi registrada por uma equipe formada por pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi e Museu Amapaense Joaquim Caetano da Silva, sendo feito somente os trabalhos de localização, registro do local do achado e recebimento das peças arqueológicas dos moradores do local, pois, o poço sepulcral já tinha sido excavado e as peças arqueológicas retiradas, já estavam limpas sem seus conteúdos e algumas delas eram utilizadas como utensílio doméstico (Coirolo e Nunes Filho, 1996).

Foram encontradas onze peças funerárias no poço do São Francisco, rio Novo. Todavia, a equipe arqueológica recebeu do agricultor somente dez vasilhames, somando as inteiras e as fragmentadas.

Sítio Arqueológico AP-AR-01: Retiro do Bidú - Rio Cupixi - Município de Porto Grande

O sítio arqueológico Retiro do Bidú foi localizado em 1997, por um colono, durante a abertura de um buraco de 1,50 X 1,50 metro de diâmetro por 1,80 m de profundidade para construção de uma latrina. Esse achado ocorreu no rio Cupixi (21) e o sítio foi cadastrado segundo os procedimentos do PRONAPABA, como AP-AR-01: Retiro do Bidú. A sua localização é nas coordenadas de N 00° 34' 47" e W 051° 47' 50" (22) (Queiroz & Lacerda, 1998) (Figura nº02 b).

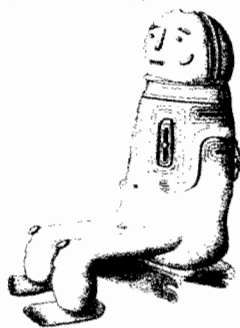
Depois de cinco anos do achado do poço funerário do Bidú, em dezembro de 2002, realizamos uma visita ao referido sítio arqueológico.

Verificamos *in loco* que os dados registrados no relatório de Queiroz & Lacerda (1998), estão equivocados, pois, no local do sítio arqueológico não há nenhum vestígio direto ou indireto de que na área tenha existido um sítio-habitação, ou seja, não existem indícios da presença ou atividade

humana na superfície ou profundidade de que a área tenha sido um sítio-habitação, não encontramos fragmentos cerâmicos, como diz Queiroz & Lacerda (1998) terem encontrado.

O poço sepulcral do Retiro do Bidú apresenta características diferentes dos outros poços do Cunani. O poço não apresentava tampa cobrindo o túmulo como acontece nos outros dois poços localizados no Amapá e a cerâmica funerária também é diferente, com características antropomorfas (Figura nº03).

Figura nº03: Urna antropomorfa do Poço Retiro do Bidú



Autoria: José Limeira

Método de Sepultamento em Poços com Câmara

As informações arqueológicas sobre o método de sepultamento em túmulo de poço com câmara na Amazônia nos levam em direção da dispersão desse método funerário em diferentes áreas da América, prova disso é a existência de registros arqueológicos desde a Mesoamerica até a América do Sul (Meggers, 1966). Todavia, não esqueçamos que o método de sepultamento em túmulo pode ser uma invenção unilinear ou multilinear.

Não podemos afirmar qual a origem do método de sepultamento em poço com câmara, pois, as pesquisas arqueológicas nessa área são incipientes e inconcludentes.

A bibliografia existente registra sepultamentos em tumba com fossa e câmara, no Brasil, na Colômbia, no Equador e no México, e a partir desses dados podemos fazer algumas inferências sobre o padrão de sepultamento nesse tipo de tumba, como também traçar possíveis rotas de migração ou contatos interétnicos, *“As tumbas em fossa aparecem no Equador em torno de 400-500 d.C., no Período de Integração, Império e Conquista. Elas consistem de um pescoço ou fossa vertical de 0,75-1,00 m de profundidade, fechado com laje em torno de 1 m por baixo da superfície. A antecâmara prolongada mede de 2,0-2,5 m de diâmetro no piso, situando-se entre 2,5-4,0 m abaixo da superfície”* (Meggers, 1966). (Tradução nossa)

Embora comparativamente raras na costa equatoriana, as tumbas em forma de garrafa são encontradas em La Roma e perto de Cerro Jaboncillo, província de Manabí. Contudo, a maior ocorrência de tumbas, na América do Sul, em forma de garrafa ou de tumbas com fossa e câmara está no Valle do Cauca, Colômbia, onde parece que começaram em torno de 400-500 d.C. e continuaram até uns poucos séculos antes do contato europeu (Meggers, 1966).

Datação por C-14 feita em carvão recuperado dentro de urnas dos poços do Sítio Colorados, na Colômbia, Uribe & Dávila (1984), estabeleceram que os assentamentos referentes aos poços colombianos ocorreram no Século XII d.C., conforme registro Beta 4212, que estabeleceu a cronologia de 1.160 ± 60 d.C.. Este resultado veio confirmar a construção dos poços funerários em aproximadamente quatro séculos antes da chegada dos espanhóis.

Corona Núñez (24), *apud* Meggers (1966), relata que as tumbas do oeste do México incluem ambos os tipos, ou seja, tumbas em forma de garrafa e tumba com fossa e câmara lateral. Quanto à forma, medida e proporções são muito semelhantes as tumbas equatorianas.

Segundo Reichel-Dolmatoff (1997), subindo o rio Magdalena, na zona de Tamalameque - Colômbia, há um complexo arqueológico espetacular, onde existem grandes cemitérios de urnas antropomorfas, que se estendem até a região de Ocaña. Conforme esse pesquisador, os sítios de Tamalameque estão situados em cima de pequenas elevações e que consistem em poços cilíndricos verticais, de uns três metros de profundidade e um metro de largura, em cujos fundos há câmaras laterais com enterros em urnas.

Podemos observar em Chaumeil (1997) que na pré-história da Amazônia o poço funerário foi

utilizado para dois fins diferentes, ou seja, ele era preparado para ser utilizado como sepultamento temporário, onde se depositava o corpo do morto para decompor-se e, também, se utilizava como local de sepultamento permanente, com a deposição dos ossos em vasilhas ou cestos. Temos como exemplo de sepultamento temporário e permanente os antigos Tupinambás que combinavam os dois modos de sepultamento; um direto na terra, o outro em uma urna. No primeiro caso se acondicionava uma câmara funerária para impedir que a terra caísse diretamente sobre o cadáver, recordando assim o princípio do recipiente – urna.

Ainda Chaumeil (1997), os ancestrais do grupo Kaingang (Gê) do Brasil meridional, que enterravam seus mortos em uma espécie de cemitério ajustado por vários túmulos nos quais se acondicionam câmaras funerárias. Esse tipo de sepultamento é registrado desde o Século XVIII, onde os Kaingang depositavam muito esforço nesse tipo de edificação e realizavam visita regular.

Considerações Finais

Através do estudo dos túmulos pré-históricos em poço com câmara localizados no Estado do Amapá e suas respectivas cerâmicas funerárias buscou-se descobrir, quem os construiu e quando.

Constatou-se que em todos os poços estudados ocorreu um culto aos mortos onde a construção dessas tumbas de dimensões aproximadas e a colocação ou não das lajes protetoras são testemunhos do esforço feito pelo grupo para proteger os restos mortais dos antepassados.

Por outro lado, os registros arqueológicos comprovam a existência de sepultamentos pré-históricos em poços com câmara em diversas regiões da América, desde o México até o noroeste da Argentina (Coirolo, 1997; Meggers, 1966; Uribe & Dávila, 1984), confirmando, portanto, a dispersão desse método em quase todo o Continente Americano.

Assim, examinando o mapa com a localização dos túmulos de poços funerários na Amazônia, mapa nº02 (p. 03), percebe-se que é na Colômbia que existe a maior concentração de poços com câmara lateral, na América do Sul. No Brasil, essa forma de sepultamento foi pouco utilizada por grupos pré-históricos, pois, somente no Estado do Amapá há registro desse tipo de túmulo.

A partir dos estudos feitos por Evans (1955), somado as semelhanças observadas no estudo dos túmulos em poço colombianos e amapaenses (morfológicas, características do mobiliário funerário), percebe-se que a origem dos grupos pré-históricos autores dos poços com câmara lateral no Estado do Amapá é a mesma atribuída por ele, o qual relacionaram as fases arqueológicas amapaenses: Aristé, Mazagão e Maracá a uma origem andina. Os grupos culturais destas fases arqueológicas utilizaram a via interior e costeira, como igarapés e rios navegáveis para chegar em terras amapaenses.

Através dos registros arqueológicos e etnográficos (Coudreau, 1886; Goeldi, 1905; Evans, 1955; Meggers e Evans, 1957; Hilbert, 1957; Pereira; Kern e Veríssimo, 1986; Coirolo, 1997; Chaumeil, 1997) observa-se que a técnica de construção de túmulo em poço com câmara lateral foi difundida e utilizada por grupos culturais da fase arqueológica Aristé e Mazagão, no Estado do Amapá, em período pós-colombiano.

Contudo, estudando as urnas antropomorfas do Retiro do Bidú, observou-se correspondência com a Fase Mazagão. Entre elas temos: sepultamento secundário, formato das urnas, e o tempero com predominância do cariapé e mica. Há, porém um aspecto que parece não se enquadrar nesta equivalência: a decoração policroma, pois, a fase Mazagão segundo Simões (1972) foi classificada pertencente à Tradição Inciso Ponteadada e não na Tradição Policroma.

Convém considerar, porém, que Pereira; Kern e Veríssimo (1986), no salvamento arqueológico do Sítio AP-MA-03 Pacoval, Macapá-AP, encontraram correspondência não só com a Fase Mazagão (Tradição Inciso Ponteadada), mas também com a Fase Aristé (Tradição Policroma), pelo fato das peças cerâmicas terem características das duas fases arqueológicas.

Esse fato reforça nossa suposição de que as urnas do Retiro do Bidú são da fase Mazagão, mesmo apresentando uma decoração policroma. Não obstante, no sítio do Pacoval, foi encontrado um poço funerário com duas urnas antropomorfas acompanhadas de dois vasos: *Segundo os operários, teria sido encontrado um grupo de 4 urnas numa escavação de 1,5 x 1,5m das fundações. Destas, uma única permaneceu em depósito no Museu Costa Lima, desconhecido o destino das demais. Trata-se de uma urna antropomorfa com características masculinas. Acompanhavam-na, ainda segundo os operários, uma urna “na forma de vaso, cheia de terra e pratos quebrados”* (Pereira; Kern e Veríssimo, 1986).

Uma das urnas antropomorfas encontradas no sítio do Pacoval e uma tampa apresentam correspondência morfológica e tecnológica com as urnas do sítio do Retiro do Bidú.

Assim, constatou-se que o enterramento em túmulo subterrâneo foi uma prática que se espalhou e foi adaptada por diversos grupos que se utilizaram de rituais diversos, pois, constatou-se que outros grupos pré-históricos amapaenses utilizaram o sepultamento em poço com câmara no Amapá, além do grupo da fase Aristé, tendo em vista o sítio do Pacoval, no qual foi encontrado um poço funerário com urnas antropomorfas da fase Mazagão.

Quanto aos rituais funerários, nota-se que os grupo culturais da fase Mazagão e Aristé, praticavam o sepultamento secundário em urnas funerárias, as quais eram depositadas em cavernas e poços com câmara lateral.

Para Evans (1955), o tipo de poço funerário achado por Goeldi (1895), no cemitério de Cunani, foi uma invenção independente, pois, a forma de sepultamento na Colômbia não se parece com a da Fase Aristé. Nessa região praticava-se a forma de inumação direta e secundária, ao passo que no Amapá os restos da cremação eram colocados numa urna funerária na câmara.

Contudo, observamos em nossa pesquisa que a forma de sepultamento em poço com câmara praticada no Amapá e na Colômbia apresentam correspondência na forma do túmulo, tipo de urnas utilizadas, hierarquia social nos túmulos e locais de sepultamentos. Portanto, discordamos com a hipótese de Evans (1955), quanto aos poços construídos no Amapá sejam uma invenção independente.

Considera-se assim, que a construção dos poços funerários amapaenses não foi uma invenção independente, mas uma dispersão dessa forma de sepultamento e conseqüente adaptação à realidade local, tendo em vista, a utilização do sepultamento tanto nos poços como em cavernas.

Nessa linha dedutiva, constatou-se que o sepultamento em túmulos em poço com câmara lateral, não é uma prática exclusiva dos indígenas pré-históricos que viveram na Amazônia Brasileira, haja vista, a correspondência cultural na utilização do antropomorfismo como tipo decorativo nas urnas dos poços colombianos e dos poços amapaenses (Aristé e Mazagão), como também, as semelhanças já apresentadas.

Concomitantemente, à utilização de cavernas para sepultamento, pelos grupos da fase Aristé e Mazagão, o grupo cultural da fase Maracá, que é outro grupo cultural amapaense, utilizou também o sepultamento em cavernas e urnas antropomorfas (Guapindaia, 1997). Entretanto, o grupo pré-histórico da fase Maracá, não apresenta correspondência cultural com os outros dois grupos (Aristé e Mazagão) (Evans, 1955).

Por outro lado, observa-se que a difusão do antropomorfismos nas cerâmicas funerárias, foi comum entre os grupos pré-históricos amapaenses. Possivelmente, isso ocorreu pela influência cultural através do comércio ou pelo contato interétnico.

Para Evans (1955), o grupo Maracá, teria influenciado o grupo Mazagão mais diretamente (antropomorfismos) e cujas filiações nos levam para a região noroeste da América do Sul. A origem andina, atribuída ao grupo Maracá, é explicada pela analogia que podemos fazer das figuras antropomorfas sentadas sobre bancos de argila (Figura nº04, p.15), as quais existem registro arqueológico na Colômbia, Equador, Venezuela e Brasil.

Portanto, o caminho de dispersão dessa prática funerária em poços com câmara lateral, pode ter ocorrido pela via interior da Amazônia Brasileira, conforme dados arqueológicos levantados (Mapas nº01 e nº02, pp. 02-03).

Os túmulos pré-históricos em poço com câmara lateral amapaenses foram construídos por grupos culturais da fase Aristé e Mazagão, durante o período pós-contato, isto é, depois do descobrimento da América.

Possivelmente a mesma forma de sepultamento utilizando-se poços com câmara foi também usada pelos grupos Maracá, além do sepultamento em caverna. Concluímos assim que diferentes grupos étnicos de fases culturais e cronológicas diversas construíram na Amazônia poços com câmara para enterrar seus defuntos de superior hierarquia, prática que às luzes do atual conhecimento teve suas origens na área andina a partir do Século XII da Era Cristã.

FIGURAS SENTADAS DO NORTE DA AMÉRICA DO SUL



- A - MANAVI (EQUADOR)
- B - MARACÁ (BRASIL)
- C - NIQUITAO (VENEZUELA)
- D - BOCONO [- - - - -]
- E - VALE DE CAUCA (COLÔMBIA)
- F - OCAÑA (COLÔMBIA)
- G - PORTO SERVIEZ (COLÔMBIA)
- H - CUPIXI (BRASIL)

Edinaldo Pinheiro Nunes Filho - Universidade Federal do Amapá

Notas

¹ Os túmulos pré-históricos em poço com câmara, no Amapá foi objeto de estudo da dissertação defendida pelo autor em outubro de 2003, no Curso de Pós-Graduação em História da UFPE, para obtenção do grau de mestre.

Bibliografia

- ALVES, Cláudia et al. **A Cerâmica Pré-Histórica no Brasil: Novas Perspectivas Analíticas**, In: CLIO - Série Arqueológica N°7. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Ed. Universitária, 1991. V.1, p. 11-89. il.
- ARNAUD, Expedito. **Os Índios Palikúr do rio Urucaúá - tradição tribal e protestantismo**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1984. 82 p. il. (Publ. Avulsas, 38)
- CHAUMEIL, Jean-Pierre. **Entre la memoria y el Olvido: Observaciones sobre los ritos funerarios en las tierras bajas de América del Sur**. In: Boletín de Arqueología PUCP. Vol.1. (Separata), 1997.

- CHMYZ, Igor (ed.). **Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica**. In: Cadernos de Arqueologia, ano 1, n. 1, Paranaguá, UFRR, 1976.
- COIROLO, Alcía Durán et al.. **Homenagem a Emílio Augusto Goeldi no Centenário do descobrimento do sítio arqueológico do rio Cunani**. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série antropológica, v. 13, n. 1, p. 27-66, julho, 1997.
- COIROLO, Alcía Durán e NUNES FILHO, Edinaldo Pinheiro. **Relatório de Campo sobre o Salvamento arqueológico na região de Calçoene, Amapá**. Macapá-AP: Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva, 24 a 28 Janeiro, 1996.
- COUDREAU, Henri Anatole. **La France Equinoxiale**. 2 livre. Paris. Challamel Ainé, 1886.
- EVANS, Clifford. **Filiações das Culturas Arqueológicas no Território do Amapá, Brasil**. In: Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. Vol. 02. Edit. Anhembi – SP, 1955.
- GOELDI, Emílio Augusto (1905). **Excavações archeologicas em 1895: As caver nas funerárias artificiaes de Índios extinctos no Rio Cunany (Goanany) e sua cerâmica**. 1ª Parte. Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia. Reimpressão da edição de 1900.
- Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- GUAPINDAIA, Vera Lúcia & MACHADO, Ana Lúcia da Costa. **O Potencial Arqueológico da Região do Rio Maracá/Igarapé do Lago (AP)**, p. 67-102, 1997. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropológica. Vol. 13 Nº01.
- HILBERT, Peter Paul. **Contribuição a Arqueologia do Amapá: Fase Aristé**. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série. Antropologia. Nº01, 1957.
- _____. **Contactos entre las culturas prehistóricas de Mesoamérica y la costa del Ecuador**, p. 139-176, 1966. In: Meggers, Betty J. (org.) Evolución y difusión cultural: Enfoques teóricos para la investigación arqueológica. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, Nº 57, 1998.
- QUEIROZ, Brasilina e LACERDA, Adervan Dias. **Relatório de campo sobre o Salvamento de urnas funerárias do sítio “Retiro do Bidú” Cupixí-AP**. Macapá-AP: Museu Histórico do Amapá Joaquim Caetano da Silva, 31 de agosto, 1998.
- REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo . **Arqueología de Colombia**. 2ª ed. Bogotá-Colombia: Imprenta Nacional de Colombia, 1997.